

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 8078 | Salvador, segunda-feira, 18.01.2021

Presidente Augusto Vasconcelos

A economia precisa dos bancos públicos

Página 2

Governo encolhe cobertura do Bolsa Família. Descaso

Página 4



BANCO DO BRASIL

JOÃO UBALDO



Bancários de preto protestam contra o desmonte do BB

Para barrar o desmonte

Os funcionários do Banco do Brasil e o Sindicato estão empenhados no combate ao ataque promovido pelo governo Bolsonaro, que quer fazer uma reestruturação, retirar direitos dos bancários, fechar agências, extinguir funções e desligar trabalhadores.

Página 3



Suporte para a economia sair da grave crise

São as estatais que ajudam as micro e pequenas empresas

ALAN BARBOSA
imprensa@bancariosbahia.org.br

MESMO passando por um processo de desmonte, os bancos públicos ajudam a economia brasileira durante a pandemia do coronavírus. O Banco do Brasil, no terceiro trimestre do ano de 2020, desembolsou R\$ 6,2 bilhões, beneficiando 110 mil empresas, e a Caixa R\$ 12,064 bilhões, no mesmo período.

Os recursos foram destinados aos micros e pequenos empresários e viabilizados pelo Pronampe. A importância dos bancos públicos é acentuada quando feita a comparação com os privados, como o Itaú, que também operou o Programa Nacional de Apoio

às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, mas atingiu 47 mil micro e pequenas empresas com valores correspondentes a R\$ 3,9 bilhões.

Os valores destinados a programas como o Pronampe fizeram crescer em 27,8% o desembolso para as micro e pequenas empresas. Enquanto os bancos privados internalizavam os recursos e reforçavam os caixas, os públicos, juntamente com o BNDES, atuavam junto à economia mais fragilizada.

A atuação das empresas públicas durante crises econômicas é fundamental para a sustentabilidade a pequeno, médio e longo prazo, com políticas de juros mais baixos, além de permitir aumento na geração de emprego. Porém, o governo Bolsonaro promove um verdadeiro desmonte das estatais para favorecer o mercado, que não está comprometido com o país.



Os bancos públicos têm papel fundamental no processo de desenvolvimento econômico

MARCO NASCIMENTO – AGÊNCIA PARÁ



Exposição diária nas agências

Entidades querem priorizar empregados da Caixa: vacina

OS EMPREGADOS da Caixa realizam o atendimento de grande parcela da população. Na pandemia, o volume de clientes nas agências, que são ambientes fechados e vetores para contaminação, só aumentou. Por conta disso, as entidades representativas solicitaram ao ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, a inclusão dos funcionários do banco no grupo prioritário de

imunização contra a Covid-19.

Somente no ano passado, durante o pagamento dos benefícios emergenciais criados na pandemia, os trabalhadores atenderam mais de 120 milhões de brasileiros. Sem falar que a Caixa é responsável pela administração do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e outros programas sociais que necessitam de atendimento presencial.

CEE quer negociação

A CEE (Comissão Executiva de Empregados) da Caixa enviou ofício à direção da instituição financeira para solicitar reunião sobre as denúncias de um novo processo de reestruturação nas unidades subordinadas à vice-presidência rede de varejo (Vired).

É importante lembrar que o ACT (Acor-

do Coletivo de Trabalho) da Caixa 2020/2021 prevê o estabelecimento de negociação em caso de adoção de medidas que impactem diretamente os trabalhadores.

O ofício cita também a prorrogação do projeto remoto, renovação do Acordo CCV, além das metas desumanas, que tem sobrecarregado e adoecido os empregados.

Custeio e gestão na pauta

A PRINCIPAL pauta da primeira reunião do GT (Grupo de Trabalho) Saúde Caixa foi a criação de uma proposta de formato de custeio e de gestão, que passará pelo crivo da mesa permanente de negociação e, posteriormente, dos beneficiários, antes de entrar em vigor a partir de 2 de janeiro de 2022.

Durante o encontro, que ocorreu na quinta-feira, os participantes da reunião também pontuaram que é imprescindível ter acesso a todos os dados para subsidiar o debate sobre as propostas. Os representantes da Caixa informaram que, para ser nivelado o conhecimento das informações do plano, será necessário que os integrantes do GT assinem um termo de confidencialidade.

De luto, contra o desmonte

Sindicato e entidades do país fazem protesto. Mobilização e Unidade

RENATA ANDRADE
imprensa@bancariosbahia.org.br



Funcionários unidos contra o desmonte do Banco do Brasil

VESTIDOS de preto, os funcionários do Banco do Brasil se mobilizaram, na sexta-feira, contra o desmonte da instituição financeira planejado pelo governo Bolsonaro. Os protestos tomaram conta de todo o país na luta para barrar as demissões, o descomissionamento de milhares de funcionários e a extinção dos caixas executivos, além do fechamento de agências.

A manifestação do Sindicato dos Bancários da Bahia contra a reestruturação do Banco do Brasil ocorreu na Superintendência da empresa em Salvador. Funcionários, clientes e as pessoas que passavam no local foram alertadas para o perigo que ronda o BB, banco do financiamento à agricultura, esporte, cultura e de outras áreas sociais.

O desmonte do BB é injustificável. O crescimento do banco, em termos normais, foi de 122% no lucro líquido de 2016 a 2019. Também apresentou alta de 22% na receita de tarifas no mesmo período. Apesar disso, o quadro de funcionários é cada vez mais reduzido. Passou de 109.864 para 92.106 entre 2016 até o terceiro trimestre de 2020. Uma redução de 16%. A quantidade de agências também caiu e



foi de 5.428 para 4.370. Queda de 19%.

Na sexta-feira, funcionários e sindicatos também subiram a hashtag #MeuBBValeMais durante tuitaço nas redes sociais e

ainda foram realizadas reuniões nas agências e outras unidades do BB, além de panfletagens para explicar a população sobre o ataque à empresa e suas consequências.

Reestruturação = retrocesso

O **BANCO** do Brasil é uma instituição sólida, mas a agenda de desmonte do governo federal segue a todo vapor. Na reestruturação anunciada na semana passada, a direção do BB informou o fechamento de 361 unidades - 112 agências, sete escritórios e 242 postos de atendimento - no primeiro semestre deste ano. Ainda abriu um novo PDV (Programa de Demissão Voluntária), que prevê a adesão de cerca de 5 mil funcionários. Retrocesso para o desenvolvimento social do país.

Mobilização nos locais de trabalho

NAS agências de Salvador e do interior do Estado, os funcionários do Banco do Brasil protestaram, na sexta-feira, contra o desmonte da instituição financeira.

Nas cidades de Alagoinhas, Feira de Santana, Ilhéus e Itabuna, as agências do Banco do Brasil amanheceram com faixas que informavam o processo que a empresa pública está passando. Com o objetivo de fechar mais de 300 agências, desligar mais de 5 mil funcionários, além de extinguir a função de caixa, a reestruturação é mais uma forma de sucatear o banco para privatizar, acabando com o patrimônio brasileiro.

Em Salvador, agências como a do CAB,



No interior e na capital, os bancários lutam contra a reestruturação

Cidade Alta e Matatu endossaram o movimento, para chamar atenção que mesmo com a alta lucratividade do BB em 2020, em meio à pandemia, o banco passará por mudanças que prejudicam os trabalhadores.

Débora Fonseca no segundo turno da eleição do Caref BB

COM 10.907 votos, Débora Fonseca foi a primeira colocada na eleição para representante dos funcionários no Caref (Conselho de Administração) do Banco do Brasil. No entanto, a candidata não alcançou 50% mais um dos votos válidos para liquidar o pleito no primeiro turno, que terminou na quinta-feira.

Por isso, haverá segundo turno, entre os dias 29 de janeiro e 4 de fevereiro, com o segundo colocado, Aristides Milton Café, que obteve 2.245 votos. O Sindicato dos Bancários da Bahia apoiou a eleição de Débora, como a maioria das entidades sindicais.

Débora Fonseca pretende lutar pela defesa do BB como instituição pública, é contra a privatização e o enfraquecimento do Banco do Brasil e a venda das subsidiárias.

Milhões de lares sem Bolsa Família. Fome

Cobertura cai depois do fim do auxílio emergencial

ANGÉLICA ALVES
imprensa@bancariosbahia.org.br

O GOVERNO Bolsonaro prometeu aumentar a cobertura do Bolsa Família. Conversa fiada. Com o fim do auxílio emergencial, a política de austeridade ficou mais evidente com a retirada da renda de mais de 40 milhões de lares em situação de extrema pobreza.

Para este mês está prevista a menor cobertura desde o início da pandemia do novo coronavírus, quando o programa atendia 14,232 milhões de famílias. Eram 14,273 milhões no final de 2020. No projeto do Orçamento de 2021, o governo chegou a projetar que 15,2 milhões de famílias receberiam a transferência de renda.

O benefício médio a ser pago por residência também deve sofrer queda. Antes da crise sanitária, cada lar recebia R\$ 201,58, em valor corrigido pela inflação de março



O projeto de Bolsonaro é matar o povo de fome

a dezembro. Agora, vai ficar em R\$ 190,57.

Enquanto 1,4 milhão de famílias estão na fila de espera do Bolsa Família, o Ministério da Cidadania declara que só pode atender o número que cabe no orçamento. Quem não for contemplado terá de se virar para não morrer de fome, levar comida para mesa e ainda pagar as contas sem a menor ajuda do governo federal.

SBBA mobilizado por vacinação para todos

O SINDICATO dos Bancários da Bahia sempre esteve envolvido não apenas nas questões relacionadas à categoria, mas também da sociedade em geral. Por isso, a entidade participou do lançamento do Comitê Baiano pela

vacinação para Todos, Já!, na quinta-feira.

O objetivo é pressionar o governo Bolsonaro a programar com urgência a imunização da população de forma gratuita, através do SUS, em meio à pandemia do novo coronavírus.

O presidente do SBBA, Augusto Vasconcelos, participou da plenária junto com cientistas, parlamentares e representantes dos movimentos sociais. O Sindicato e demais entidades estão lutando para a inclusão dos bancários na lista de prioridade no plano de imunização, por também serem trabalhadores de serviços essenciais.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

É INTRÍNSECO Fora das bravatas, da conversa fiada, das *fake news*, Bolsonaro é execrado internacionalmente. Como agora, quando preferiu deixar mais gente morrer sem oxigênio em Manaus, para não aceitar a ajuda da Venezuela, que ele tanto ataca e sabota. Nunca vai entender o que seja solidariedade, fraternidade. É da natureza da extrema direita, do neofascismo.

PRECISA PAGAR A pirraça do governo perante o inferno de Manaus, que repete em dose ainda mais venenosa a postura adotada em toda a pandemia, comprova o genocídio promovido pelo neofascismo negacionista no Brasil. Bolsonaro comete crime contra a humanidade. Que após a redemocratização, não fique impune como ficaram os generais da ditadura (1964-1985).

VAI ALÉM Toda pessoa que ama a vida, o Brasil, as liberdades e os direitos quer Bolsonaro fora do governo e inegável por muitos anos, como os EUA precisam fazer com Trump, para frear o neofascismo. Também sabe que Maia não vale nada. Mas, aprovar o *impeachment* não se resume em colocá-lo em votação. Depende de muitos interesses, acertos e mobilização popular.

NO LIMITE Mais do que as esquerdas, sem capacidade de mobilização popular por causa da pandemia, cabe à direita, que inclusive disputa a hegemonia do campo conservador com a extrema direita bolsonarista, criar as condições políticas no Parlamento e de convencimento da opinião pública para tornar o *impeachment* viável, factível. Bolsonaro está matando o Brasil.

SÓ IMPEACHMENT Passou da conta. Não dá mais para segurar Bolsonaro. O Brasil clama por um movimento amplo pelo *impeachment*. É importante cobrar, de forma incisiva, da direita arrependida, como Maia, Neto, Dória e outros, ações concretas para o êxito da interrupção legal do mandato. Uma frente nacional só para aprovar o *impeachment*. Ninguém aguenta mais.

ADRIANA TOFFETTI



População tem de ser vacinada gratuitamente



TÁ NA REDE

